

COMENTÁRIO  
EXEGÉTICO

F. F.  
BRUCE

# GÁLATAS



VIDA NOVA

# Sumário

<i>Prefácio da série Comentário Exegético</i> .....	ix
<i>Apresentação da série em língua inglesa</i> .....	xiii
<i>Prefácio do autor</i> .....	xv
<i>Reduções gráficas</i> .....	xvii

<b>Introdução</b> .....	1
-------------------------	---

## **Texto e comentário**

I. Saudação (1.1-5).....	71
II. Nenhum outro evangelho (1.6-10).....	81
A. O assombro indignado de Paulo (1.6-9) .....	82
B. Paulo não busca agradar a homens (1.10).....	90
III. Esboço autobiográfico: o evangelho independente de Paulo (1.11—2.14).....	93
A. O evangelho de Paulo recebido por revelação (1.11-12) .....	94
B. A carreira anterior de Paulo (1.13-14).....	98
C. Paulo se torna apóstolo (1.15-17).....	102
D. Paulo se encontra com os líderes da igreja em Jerusalém (1.18-20).....	110
E. Paulo na Síria e na Cilícia (1.21-24) .....	118
F. Conferência em Jerusalém (2.1-10) .....	123
G. Conflito em Antioquia (2.11-14).....	155
IV. A fé recebe a promessa (2.15—5.1).....	165
A. Tanto judeus quanto gentios são justificados pela fé (2.15-21).....	167

B. A primazia da fé sobre a Lei (3.1-6).....	184
C. A bênção de Abraão (3.7-9) .....	194
D. A maldição da Lei (3.10-14).....	200
E. A prioridade e a permanência da promessa (3.15-18).....	217
F. O propósito da Lei (3.19-22) .....	226
G. Libertação da Lei (3.23-25).....	236
H. Judeus e gentios são um só em Cristo (3.26-29).....	240
I. Da escravidão à filiação (4.1-7) .....	252
J. Sem volta! (4.8-11).....	266
K. Apelo pessoal (4.12-20) .....	276
L. Uma lição tirada das Escrituras (4.21—5.1) .....	286
V. Liberdade cristã (5.2-12).....	305
A. A Lei exige compromisso total (5.2-6).....	306
B. Palavras duras para os criadores de problemas (5.7-12) .....	314
VI. Carne e Espírito (5.13-26).....	323
A. O caminho do amor (5.13-15).....	324
B. Andando pelo Espírito (5.16-18) .....	329
C. As obras da carne (5.19-21).....	335
D. O fruto do Espírito (5.22-26).....	343
VII. Ajuda mútua e serviço (6.1-10).....	353
VIII. Comentários e saudações finais (6.11-18).....	365
A. O verdadeiro fundamento da glória pessoal (6.11-16).....	366
B. As marcas de Jesus (6.17) .....	378
C. Saudação final (6.18).....	381
<i>Bibliografia</i> .....	383
<i>Índice remissivo</i> .....	399
<i>Índice de passagens bíblicas</i> .....	413

## Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26-39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de pelo menos parte das Escrituras e estava lendo o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “O senhor entende o que está lendo?” (At 8.30).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem melhor objetivo. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação precisa do texto das Escrituras, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, visando à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Precisa, portanto, da Palavra de Deus.

Contudo, o caminho da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas e, entre as mais úteis, estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são daqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários dessa série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;

- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo das Escrituras;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;
- tratam a exegese não como um fim em si mesma, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam os aspectos das línguas originais de forma acessível;
- têm o objetivo de entender a perícopes em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores que pertencem a uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações dentro do universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há aspectos que diferenciam os comentários que compõem esta série.

Primeiro, e acima de tudo, eles se ocupam *do texto* das Escrituras. Não significa que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas escriturísticas e ao debate acadêmico. Significa, sim, que se esforçam em apresentar um comentário *do texto*, não do debate acadêmico. Portanto, o resultado central e principal desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou notas adicionais no final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou tenha exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotadas as abordagens e os métodos necessários, sempre norteados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta à sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará os caminhos dele e de seu povo.

A terceira característica que distingue essa série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar descolada da realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão, pois

como C. S. Lewis assinalou, com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.<sup>1</sup> Esse lugar é o mundo em que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor aquilo que Deus disse outrora, pois precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode fincar pé no coração das pessoas.

Por último, a série *Comentário Exegético* foi elaborada por meio da seleção de volumes oriundos de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim, por exemplo — e comentários homiléticos — os quais tentam trocar em miúdos como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira essa preciosa série de comentários bíblicos.

---

<sup>1</sup>*As crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: *O sobrinho do mago*.

## Apresentação da série em língua inglesa

Embora nos últimos anos tenha havido muitas séries de comentários sobre o texto em inglês do Novo Testamento, faz muito tempo que se realizou a última tentativa de atender particularmente às necessidades dos estudantes do texto grego. É verdade que atualmente há certo declínio no estudo do grego em muitas instituições teológicas tradicionais, mas tem ocorrido um desejável crescimento no estudo do Novo Testamento em seu idioma original nas escolas evangélicas mais recentes, em especial na América do Norte e no Terceiro Mundo. Espera-se que a série *The New International Greek Testament Commentary* demonstre o valor de estudar o Novo Testamento grego e ajude a promover o renascimento desse estudo.

O propósito da série é atender às necessidades dos alunos que desejam algo menos técnico do que um comentário crítico exaustivo. Ao mesmo tempo, os comentários visam a interagir com estudos recentes e dar sua própria contribuição acadêmica para o estudo do Novo Testamento. Nos últimos anos, tem havido uma grande quantidade de estudos detalhados do Novo Testamento em artigos e livros, e essa série pretende coletar e apresentar os resultados dessas pesquisas de uma forma mais facilmente acessível. Portanto, os comentários incluirão bibliografias adequadas, mas não exaustivas. Eles tentarão tratar de todos os problemas importantes que poderão surgir com respeito à história, à exegese e à interpretação.

Um dos avanços em estudos recentes foi o reconhecimento da natureza principalmente teológica dos livros do Novo Testamento. Por isso, essa série buscará fornecer um entendimento teológico do texto, com base na exegese histórico-crítica e linguística. Contudo, não tentará aplicar e expor o texto para os leitores de hoje, embora se espere que a exegese ofereça alguma indicação de como o texto deve ser exposto.

Dentro dos limites impostos pelo uso da língua inglesa, a série visa a ser de natureza internacional. Contudo, os colaboradores não foram escolhidos, primariamente, para alcançar uma distribuição entre diferentes países, mas acima

---

de tudo levou-se em conta o conhecimento especializado que têm para suas tarefas específicas. Essa publicação é um empreendimento conjunto das editoras Paternoster Press, da cidade de Exeter, na Inglaterra, e Wm. B. Eerdmans Publishing Company, da cidade de Grand Rapids, nos Estados Unidos.

O objetivo supremo dessa série é servir àqueles que estão envolvidos no ministério da Palavra de Deus e, dessa maneira, glorificar o próprio Deus. Nossa oração é que a série seja útil nessa tarefa.

I. Howard Marshall  
W. Ward Gasque

## Prefácio do autor

Por muitos anos, a carta de Paulo às igrejas da Galácia tem sido para mim um documento de especial interesse e estudo. Portanto, quando recebi o convite para contribuir com a série *The New International Greek Testament Commentary*, assumi a responsabilidade de escrever o volume sobre Gálatas com entusiasmo.

Em estudos gerais e aulas sobre Gálatas, é possível tratar superficialmente certos trechos de interpretação difícil não tão cruciais. Mas, quando alguém escreve um comentário, é necessário examiná-los com cuidado e, depois de considerar todas as opções razoáveis, chegar a algum tipo de conclusão sobre eles. Agora que cumpri minha tarefa, estou realmente satisfeito por ter chegado a essas conclusões. Escrever o comentário foi uma experiência ricamente recompensadora.

Com certeza, sou muito grato a muitos comentaristas e autores que escreveram sobre Gálatas antes de mim. Aqui Joseph Barber Lightfoot e Ernest DeWitt Burton merecem uma menção especialmente honrosa. Entre nossos contemporâneos, isso também se aplica a Hans Dieter Betz, cujo comentário da série *Hermeneia* foi publicado quando meu trabalho estava a caminho de ser concluído; a obra de Betz já assegurou seu direito de estar entre os comentários realmente importantes dessa epístola.

O conteúdo da maior parte de minha Introdução foi apresentado na forma de palestras na Biblioteca John Rylands, da Universidade de Manchester, na Inglaterra; posteriormente, entre 1969 e 1973, foi publicado no *Bulletin*, periódico da Biblioteca, como uma série de artigos intitulada “Galatian problems” [Problemas em Gálatas]. Esse material é reproduzido aqui com a gentil permissão da Biblioteca.

O texto grego em que este comentário se baseia é o da terceira edição de *The Greek New Testament* [O Novo Testamento grego], publicado pelas United Bible Societies (1975); o texto é praticamente idêntico ao da vigésima sexta edição do *Novum Testamentum Graece* de Nestle, editado por Kurt Aland e Barbara Aland (1979).

F. F. B.

# Reduções gráficas

## 1. Gerais

AV	Authorized Version (King James Version)
AT	Antigo Testamento
ep., eps.	epístola(s)
frag.	fragmento
<i>FS</i>	<i>Festschrift</i>
LXX	Septuaginta
n.s.	nova série
NEB	New English Bible
NF	Neue Folge
NIV	New International Version
NT	Novo Testamento
phil.-hist. Kl.	philologisch-historische Klasse
RSV	Revised Standard Version
TI	Tradução inglesa
TM	Texto Massorético
Vulg.	Vulgata

## 2. Livros do Antigo Testamento

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1Samuel
2Sm	2Samuel
1Rs	1Reis

---

2Rs	2Reis
1Cr	1Crônicas
2Cr	2Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cantares
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias
Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

### 3. Livros do Novo Testamento

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1Co	1Coríntios
2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1Tessalonicenses
2Ts	2Tessalonicenses

1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro
1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

#### 4. Apócrifos e obras pseudepigráficas do Antigo Testamento

Ac Dn	Acréscimos a Daniel
Ac Et	Acréscimos a Ester
<i>Asc. Moís.</i>	<i>Ascensão de Moisés</i>
Br	Baruque (Apócrifos) com a “Carta de Jeremias” como cap. 6
2Br	<i>Apocalipse Siríaco de Baruque</i>
3Br	<i>Apocalipse Grego de Baruque</i>
1En	<i>Livro Etíope de Enoque</i>
2En	<i>Livro Eslavo de Enoque</i>
3En	<i>Livro Hebraico de Enoque</i>
1Ed	<i>1Esdras</i>
2Ed	<i>2Esdras (4Esdras; Apocalipse de Esdras)</i>
<i>Jub.</i>	<i>Jubileus</i>
Jt	Judite
1Mc	1Macabeus
2Mc	2Macabeus
3Mc	3Macabeus
4Mc	4Macabeus
Or. Mn.	Oração de Manassés
<i>Asc. Is.</i>	<i>Martírio e Ascensão de Isaías</i>
<i>Sl. Sal.</i>	<i>Salmos de Salomão</i>
<i>Or. sib.</i>	<i>Oráculos sibílicos</i>
Eo	Eclesiástico
<i>T. Ab.</i>	<i>Testamento de Abraão</i>
<i>T. XII</i>	<i>Testamentos dos Doze Patriarcas</i>
<i>T. Dã</i>	<i>Testamento de Dã</i>
<i>T. José</i>	<i>Testamento de José</i>
Tb	Tobias
Sb	Sabedoria

## 5. Manuscritos do Mar Morto e textos relacionados

CD	Livro da Aliança de Damasco (obra zadoquita)
1QHa	Hinos ( <i>hōdāyōt</i> ) da Caverna 1 de Qumran
1QpHab	Comentário (peshet) de Habacuque da Caverna 1 de Qumran
1QS	Regra ( <i>serek</i> ) da Comunidade da Caverna 1 de Qumran
4Q174	Florilégio da Caverna 4 de Qumran
4Q164	Quarta cópia de Isaías da Caverna 4 de Qumran
4Q169	Comentário (peshet) de Naum da Caverna 4 de Qumran
11QTemplo	Rolo do Templo da Caverna 11 de Qumran

## 6. Literatura rabínica

m. 'Abot	(Pirçe) 'Abot (tratado mishnaico)
'Abot R. Nat.	'Abot de Rabbi Nathan
b.	Talmude Babilónico (abreviatura usada antes do título do tratado)
Ber.	Berakot (tratado)
Rab. de Gn.	Rabá de Génesis (midrash)
Ḥag.	Ḥagigah (tratado)
y.	Talmude de Jerusalém (palestino) (abreviatura usada antes do título do tratado)
m.	Mishná (abreviatura usada antes do título do tratado)
Meg.	Megillah (tratado)
Menah.	Menahot (tratado)
Midr.	Midrash
Rab. de Êx.	Rabá de Êxodo
Rab. de Nm.	Rabá de Números (midrash)
Orl.	Orlah (tratado)
Pesiq. Rab.	Pesiqta [Homilia] Rabbati
Qidd.	Qiddushin (tratado)
R.	Rabino
Sanh.	Sanhedrin (tratado)
Šabb.	Shabbat (tratado)
Ta'an.	Ta'anit (tratado)
Tg. Neof.	Targum Neofiti
Tg. Onq.	Targum Onqelos
t.	Toseftá

## 7. Literatura clássica e helenística

Abraão	Da vida de Abraão (Fílon)
Aet. mund.	De aeternitate mundi (Fílon)
Agricultura	Da agricultura (Fílon)
Aj.	Ajax (Sófocles)
Anab.	Anábase (Xenofonte; Arriano)
Ant.	Antiguidades dos judeus (Josefo)

<i>C. Ap.</i>	<i>Contra Ápion</i> (Josefo)
<i>Apol.</i>	<i>Apologia de Sócrates</i> (Platão)
<i>Corp. Herm.</i>	<i>Corpus Hermeticum</i>
<i>Decálogo</i>	<i>Do decálogo</i> (Fílon)
<i>De cor.</i>	<i>De corona</i> (Demóstenes)
<i>Dem.</i>	Demóstenes
<i>De or.</i>	<i>De oratore</i> (Cícero)
<i>Diog. Laérc.</i>	Diógenes Laércio
<i>Dio Cass.</i>	Dio Cássio
<i>Diss.</i>	<i>Dissertações</i> (Epicteto)
<i>Div.</i>	<i>Sobre a adivinhação</i> (Cícero)
<i>Epict.</i>	Epicteto
<i>Ét. Nic.</i>	<i>Ética a Nicômaco</i> (Aristóteles)
<i>Eur.</i>	Eurípedes
<i>Fuga</i>	<i>Da fuga e do achar</i> (Fílon)
<i>Geog.</i>	<i>Geografia</i> (Estrabão)
<i>Górg.</i>	<i>Górgias</i> (Platão)
<i>G. J.</i>	<i>Guerra dos judeus</i>
<i>Hist.</i>	<i>História</i> (Tucídides; Políbio; Lívio; Dião Cássio; etc.)
<i>Hist. anim.</i>	<i>Historia animalium</i> (Aristóteles)
<i>Inst.</i>	<i>Institutio(nes)</i> (Caio; Justiniano; Quintiliano)
<i>Jos.</i>	Josefo
<i>L.A.B.</i>	<i>Liber antiquitatum biblicarum</i> (Pseudo-Fílon)
<i>Interp. aleg.</i>	<i>Interpretação alegórica</i> (Fílon)
<i>Mídias</i>	<i>Contra Mídias</i> (Demóstenes)
<i>Mem.</i>	<i>Memorabilia</i> (Xenofonte)
<i>Migração</i>	<i>Da migração de Abraão</i> (Fílon)
<i>Mor.</i>	<i>Moralia</i> (Plutarco)
<i>Nomes</i>	<i>Da mudança de nomes</i> (Fílon)
<i>Nat.</i>	<i>Naturalis historia [História natural]</i> (Plínio)
<i>Éd. Rei</i>	<i>Édipo Rei</i> (Sófocles)
<i>Plut.</i>	Plutarco
<i>Posteridade</i>	<i>Da posteridade de Caim</i> (Fílon)
<i>Recompensas</i>	<i>Das recompensas e punições</i> (Fílon)
<i>Pyth.</i>	<i>Pythian odes</i> (Píndaro)
<i>Rep.</i>	<i>República</i> (Platão)
<i>Herdeiro</i>	<i>Quem é o herdeiro?</i> (Fílon)
<i>Ret.</i>	<i>Retórica</i> (Aristóteles)
<i>Sobriedade</i>	<i>Da sobriedade</i> (Fílon)
<i>Sonhos</i>	<i>Dos sonhos</i> (Fílon)
<i>Sóf.</i>	Sófocles
<i>Leis esp.</i>	<i>Das leis especiais</i> (Fílon)
<i>Vida cont.</i>	<i>Da vida contemplativa</i> (Fílon)

<i>Moisés</i>	<i>Da vida de Moisés</i> (Filon)
<i>Vida filós.</i>	<i>Vitae philosophorum</i> (Diógenes Laércio)
Xen.	Xenofonte

## 8. Literatura cristã primitiva

<i>C. Mar.</i>	<i>Contra Marcião</i> (Tertuliano)
<i>Apol.</i>	<i>Apologia</i> (Justino; Tertuliano)
<i>Barn.</i>	<i>Epístola de Barnabé</i>
<i>Clem. Alex.</i>	Clemente de Alexandria
<i>Hom. Clem.</i>	<i>Homílias clementinas</i>
<i>Reconh. clem.</i>	<i>Reconhecimentos clementinos</i>
<i>Comm. Act.</i>	<i>Commentarius Actorum Synodi Nicaenae</i> (Gelásio Ciziceno)
<i>Syn. Nic.</i>	
<i>De Car.</i>	<i>De carnis resurrectione</i> (Tertuliano)
<i>Dial.</i>	<i>Diálogo com Trifo</i> (Justino)
<i>Diog.</i>	Diogneto
<i>Diogn.</i>	<i>Epístola a Diogneto</i>
<i>Epif.</i>	Epifânio
<i>Eus.</i>	Eusébio
<i>Ev. egípc.</i>	<i>Evangelho dos egípcios</i>
<i>Ev. hebr.</i>	<i>Evangelho segundo os hebreus</i>
<i>Her.</i>	<i>Contra heresias</i> (Ireneu; Hipólito; Epifânio)
<i>Hist. ecl.</i>	<i>História eclesiástica</i> (Eusébio)
<i>Heges.</i>	Hegésipo
<i>Hip.</i>	<i>Hypothetica</i> (Clemente de Alexandria)
<i>Inst.</i>	<i>Divinae institutiones</i> (Lactâncio)
<i>Iren.</i>	Ireneu
<i>Strom.</i>	<i>Stromata (Stromateis)</i> (Clemente de Alexandria)
<i>Tert.</i>	Tertuliano

## 9. Periódicos, coleções, séries e obras de referências e individuais

AASOR	<i>Annual of the American Schools of Oriental Research</i>
ABR	<i>Australian Biblical Review</i>
AHAW	<i>Abhandlungen der Heidelberger Akademie der Wissenschaften</i>
AkGWG	<i>Abhandlungen der königlichen Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen</i>
AS	<i>Anatolian Studies</i>
ATR	<i>Anglican Theological Review</i>
BAG	W. Bauer; W. F. Arndt; F. W. Gingrich. <i>Greek-English lexicon of the New Testament and early Christian Literature</i> (Chicago/Cambridge, 1957)

BC	<i>The beginnings of Christianity</i> . Organização de F. J. Foakes Jackson; K. Lake
BDF	F. Blass; A. Debrunner; R. W. Funk. <i>Greek grammar of the New Testament and other early Christian literature</i> (Chicago, 1961)
BFCT	<i>Beiträge zur Förderung christlicher Theologie</i>
Bib	<i>Biblica</i>
BjRL	<i>Bulletin of the John Rylands (University) Library</i> (Manchester)
BNTC	Black's New Testament Commentaries
BR	<i>Biblical Research</i>
BU	Biblische Untersuchungen
BZ	<i>Biblische Zeitschrift</i>
BZAW	Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft
BZNW	Beihefte zur Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft
CAH	<i>Cambridge Ancient History</i>
CBC	Cambridge Bible Commentaries on the New English Bible
CBQ	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
CD	<i>Church Dogmatics</i> (K. Barth)
CIG	<i>Corpus Inscriptionum Graecarum</i>
CIL	<i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i>
CNT	Commentaire du Nouveau Testament
CR	<i>Classical Review</i>
CSEL	Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum
CSHB	Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae
EEP	<i>The Earlier Epistles of St. Paul</i> (K. Lake)
EKKNT	Evangelisch-Katholischer Kommentar zum Neuen Testament
Enc Bib	<i>Encyclopaedia Biblica</i>
EQ	<i>Evangelical Quarterly</i>
Est Bíb	<i>Estudios Bíblicos</i>
Exp Tim	<i>Expository Times</i>
FEUNTK	Forschungen zur Entstehung des Urchristentums des Neuen Testaments und der Kirche
HDB	<i>Hastings' Dictionary of the Bible</i> (vols. I-V)
HJP	<i>History of the Jewish People in the age of Jesus</i> . Nova edição em inglês (E. Schürer)
HNT	Handbuch zum Neuen Testament (H. Lietzmann)
HTR	<i>Harvard Theological Review</i>
IB	<i>Interpreter's Bible</i>
ICC	International Critical Commentary
IEJ	<i>Israel Exploration Journal</i>
Inst.	Institutas da religião cristã (João Calvino)
INT	<i>Introduction to the New Testament</i>
Int	<i>Interpretation</i>
JBL	<i>Journal of Biblical Literature</i>

<i>JBR</i>	<i>Journal of Bible and Religion</i>
<i>JJS</i>	<i>Journal of Jewish Studies</i>
<i>JR</i>	<i>Journal of Religion</i>
<i>JSNT</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
<i>KD</i>	<i>Kerygma und Dogma</i>
<i>KEK</i>	Kritisch-Exegetischer Kommentar (Meyer Kommentar)
<i>MAMA</i>	<i>Monumenta Asiae Minoris Antiqua</i>
<i>MHT</i>	J. H. Moulton; W. F. Howard; N. Turner. <i>Grammar of New Testament Greek</i> (Edinburgh, 1906-1976). vols. I-IV.
<i>MM</i>	J. H. Moulton; G. Milligan. <i>Vocabulary of the Greek Testament</i> (Edinburgh, 1930)
<i>MNTC</i>	Moffatt New Testament Commentary
<i>NBCR</i>	<i>New Bible commentary revised</i> (London, 1970)
<i>NCB</i>	New Century Bible
Nestle-Aland <sup>26</sup>	<i>Novum Testamentum Graece</i> . Edição de Eberhard Nestle; Erwin Nestle; Kurt Aland; Barbara Aland. 26. ed. (Stuttgart, 1979)
<i>NICNT</i>	New International Commentary on the New Testament
<i>NIDNTT</i>	<i>New International Dictionary of New Testament theology</i> (Exeter, 1975-1978). vols. I-III
<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
<i>NovTSup</i>	Supplement(s) to <i>Novum Testamentum</i>
<i>NPNF</i>	Nicene and Post-Nicene Fathers (Grand Rapids)
<i>NTAB</i>	Neutestamentliche Abhandlungen
<i>NTD</i>	Das Neue Testament Deutsch
<i>NTS</i>	<i>New Testament Studies</i>
<i>PG</i>	<i>Patrologia Graeca</i> (edição de J.-P. Migne)
<i>PL</i>	<i>Patrologia Latina</i> (edição de J.-P. Migne)
P. Oxi.	Papiros de Oxirrinco
<i>PPJ</i>	<i>Paul and Palestinian Judaism</i> (E. P. Sanders)
P. Tebt.	Papiros de Tebtunis
<i>RB</i>	<i>Revue Biblique</i>
<i>RBén</i>	<i>Revue Bénédictine</i>
<i>RGG</i>	<i>Religion in Geschichte und Gegenwart</i> . 3. ed. (Tübingen, 1956-1965). vols. I-VII
<i>RSR</i>	<i>Revue des Sciences Religieuses</i>
<i>RTR</i>	<i>Reformed Theological Review</i>
<i>SAB</i>	<i>Sitzungsberichte der königlichen preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin</i>
<i>SBT</i>	Studies in Biblical Theology
<i>SE</i>	<i>Studia Evangelica</i>
<i>SIG</i>	<i>Sylloge inscriptionum graecarum</i> (W. Dittenberger)
<i>SJT</i>	<i>Scottish Journal of Theology</i>

SNTSM	Society for New Testament Studies Monograph
SPT	<i>St. Paul the Traveller and the Roman citizen</i> (W. M. Ramsay)
SR	<i>Studies in Religion/Sciences Religieuses</i>
ST	<i>Studia Theologica</i>
TDNT	<i>Theological Dictionary of the New Testament</i> (Grand Rapids, 1964-1976). vols. I-X
THK	Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament
TKNT	Theologischer Kommentar zum Neuen Testament
TLZ	<i>Theologische Literaturzeitung</i>
TNTC	Tyndale New Testament Commentaries
TRu	<i>Theologische Rundschau</i>
TS	Texts and Studies (Cambridge)
TSK	<i>Theologische Studien und Kritiken</i>
TU	Texte und Untersuchungen (Berlin)
TZ	<i>Theologische Zeitschrift</i>
UBS <sup>3</sup>	The Greek New Testament. 3. ed. (United Bible Societies, 1975)
VD	<i>Verbum Domini</i>
VT	<i>Vetus Testamentum</i>
WA	Weimarer Ausgabe (obras de Lutero)
WH	B. F. Westcott; F. J. A. Hort. <i>The New Testament in Greek</i> (London, 1981)
WH App.	Ibid., Appendix
WMANT	Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament
WTJ	<i>Westminster Theological Journal</i>
WUNT	<i>Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament</i>
ZAW	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft</i>
ZK	Zahn-Kommentar
ZNW	<i>Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft</i>
ZTK	<i>Zeitschrift für Theologie und Kirche</i>
ZWT	<i>Zeitschrift für Wissenschaftliche Theologie</i>

Livros indicados por autor e título abreviado podem ser prontamente identificados por meio da consulta à Bibliografia (p.383-97).

Siglas padrão são utilizadas nas notas textuais.

# Introdução

## I. Gálatas entre as Cartas de Paulo

Há um consenso entre os estudiosos de que Gálatas é uma das quatro epístolas “principais” de Paulo (as outras são 1 e 2Coríntios e Romanos) e uma das que têm a autoria do apóstolo mais bem estabelecida.<sup>1</sup> Quando as reivindicações de autoria paulina de outras cartas são consideradas, o padrão de avaliação é esse grupo de quatro cartas, entre as quais Gálatas tem preeminência. A negação da autenticidade de Gálatas, como ocorreu na escola holandesa de W. C. van Manen,<sup>2</sup> é reconhecida como uma aberração marcante na história do estudo do NT. Desde que os textos paulinos foram reunidos pela primeira vez em um *corpus*, no início do século 2 d.C., Gálatas ocupa um lugar seguro entre eles.

O critério tradicional na organização canônica das cartas paulinas, de acordo com o que pode ser identificado, parece ter sido a ordem decrescente de extensão.<sup>3</sup> Contudo, Marcião, que por volta de 140 d.C. foi (de acordo

---

<sup>1</sup>Lutero considerava que aqueles documentos do NT que expunham claramente o evangelho eram de fato os livros principais — em particular, João e 1João, Romanos, Gálatas, Efésios e 1Pedro “ensinam tudo o que é necessário e sagrado para você saber, mesmo que jamais veja ou ouça algum outro livro ou alguma outra doutrina” (Prefácio ao NT em alemão, 1522, WA, *Die deutsche Bibel* 6.10). Na tradição criada em Tübingen por F. C. Baur e seus colegas, a designação “epístolas principais” (*Hauptbriefe*) é reservada para Gálatas, 1 e 2Coríntios e Romanos, que “mostram de modo tão incontestável a natureza da originalidade paulina, de modo que não haja, no caso dessas cartas, nenhum fundamento imaginável para levantar dúvidas de natureza crítica” (Baur, *Paul*, vol. I, p. 246).

<sup>2</sup>O leitor de língua inglesa encontrará um bom resumo das ideias de van Manen em *Encyclopaedia Biblica*, verbete “Paul”, § § 1-3, p. 33-51; cf. sua apologia: “A wave of hyper-criticism”, *Exp Tim* 9 (1897-1898), p. 205-11, 257-9, 314-9.

<sup>3</sup>Em uma das antigas formas de organização, as epístolas com o mesmo destinatário foram agrupadas como se fossem uma única epístola para atender a esse propósito. Dessa maneira, no cânon de Marcião, depois de Gálatas (que recebeu prioridade programática), 1 e 2Coríntios foram colocados juntos logo em seguida. É possível identificar outros princípios de organização nas antigas listas: no cânon muratoriano, por exemplo, Romanos

com o que se sabe) a primeira pessoa a compilar um cânon “fechado” de textos cristãos, afastou-se desse princípio de organização, tirando Gálatas de sua posição na sequência por extensão e dando-lhe um lugar de destaque, à frente das demais cartas, em sua obra *Apostolikon*. Tertuliano, nossa primeira testemunha da sequência adotada por Marcião,<sup>4</sup> concorda com o último nesse aspecto, sustentando que Gálatas é “a epístola principal contra o judaísmo” (*principalem aduersus iudaismum epistulam*).<sup>5</sup> A posição que Marcião atribuiu à epístola não prevaleceu, mas sua importância fundamental entre os escritos de Paulo tem sido reconhecida de modo amplo, ainda que não universal,<sup>6</sup> desde aquela época até hoje.

Entre os textos de Paulo, Gálatas tem a mais estreita afinidade com a Carta aos Romanos. “A Epístola aos Gálatas”, escreveu J. B. Lightfoot, “está para a Carta aos Romanos como o modelo não lapidado está para a estátua acabada; ou melhor, caso eu possa insistir na metáfora sem ser mal entendido, Gálatas é o primeiro estudo de uma única figura, a qual é, na obra posterior, desenvolvida para formar um grupo de figuras”.<sup>7</sup> Dois temas dominantes em Gálatas e que recebem igual ênfase em Romanos são a insistência na justificação perante Deus pela fé, sem as obras da Lei, e a apresentação do Espírito como o princípio da nova vida em Cristo, que os crentes desfrutam como filhos de Deus nascidos livres. Se há elementos de Romanos que não encontram paralelo em Gálatas, esta epístola tem elementos sem paralelo em Romanos, como a seção autobiográfica em Gálatas 1.11—2.14, com sua defesa da liberdade apostólica de Paulo. Não se deve tornar Romanos o padrão para interpretar Gálatas; Gálatas tem de ser lido e entendido por seu próprio valor.<sup>8</sup>

---

aparece em último lugar entre as cartas de Paulo às igrejas, talvez porque a epístola tenha sido reconhecida como uma *summa* [resumo] do ensino paulino.

<sup>4</sup>Em *Contra Marcião* 5.2-21, Tertuliano se propõe a refutar Marcião, tomando por base o *Apostolikon*, obra do próprio Marcião, e, para isso, examina as epístolas, uma a uma, na sequência adotada por Marcião. Cf. Epifânio, *Contra heresias* 42.9.

<sup>5</sup>*Contra Marcião* 5.2.

<sup>6</sup>Sua importância não tem sido considerada tão grande por aqueles que entendem que a doutrina da justificação pela fé é uma “cratera secundária” dentro da borda do vulcão paulino, cuja cratera principal é “a doutrina mística da redenção mediante o estar-em-Cristo” (A. Schweitzer, *Mysticism*, p. 225); veja p. 60ss.

<sup>7</sup>Lightfoot, *Galatians*, p. 49. A relação entre as duas cartas não é adequadamente apresentada quando se elabora uma sequência de passagens paralelas, a menos que se preste atenção às características peculiares de cada carta e não reproduzidas na outra. U. Wilckens, em particular, transmite uma ideia inadequada, pois simplesmente apresenta duas tabelas paralelas de referências de capítulos e versículos como prova de que Romanos é, no que diz respeito à doutrina da justificação, “uma reprodução da Carta aos Gálatas” (*Römer*, p. 48).

<sup>8</sup>Cf. H. Hübner, *Das Gesetz bei Paulus* (Göttingen, 1978), p. 1ss. et passim.

Em Romanos, não há nada ou quase nada do tom de urgência polêmica que permeia a Carta aos Gálatas; para uma repetição desse tom, voltamo-nos para 2Coríntios 10—13 ou para Filipenses 3. As pessoas atacadas em 2Coríntios 10—13 e Filipenses 3 não são necessariamente idênticas aos “criadores de problemas” contra os quais Paulo polemiza em Gálatas, mas ele reconheceu que o ensino e a atividade daquelas pessoas constituíam, de modo parecido, uma ameaça à verdade do evangelho e usou linguajar semelhante ao advertir seus convertidos contra elas.

## II. As igrejas da Galácia

A Epístola aos Gálatas é assim chamada por ser explicitamente dirigida “às igrejas da Galácia” (1.2); além disso, os destinatários são nominalmente repreendidos no decorrer da carta: “Vocês, gálatas insensatos!” (3.1). A questão diante de nós é: Onde ficavam essas igrejas e quem eram esses gálatas? Acaso devemos localizar as igrejas no território do antigo reino da Galácia? Ou será que devemos situá-las em algum outro lugar na província romana mais extensa da Galácia, que incluía o antigo reino e um grande território adicional? Os destinatários da carta eram gálatas no sentido étnico, ou apenas no sentido político — como habitantes da província romana que tinha esse nome?

### A. De reino a província

A palavra grega Γαλάται é uma forma variante de Κέλται ou Κέλτοι, “celtas” (lat. *galli*). Quando deparamos com os celtas pela primeira vez, eles residiam na Europa Central, na bacia do Danúbio. Alguns topônimos dessa área mantêm elementos celtas até hoje; Viena (lat. *Vindobona*)<sup>9</sup> é um bom exemplo. Da bacia do Danúbio, eles migraram em direção oeste para a Suíça, o sul da Alemanha e o norte da Itália, e depois para a Gália e a Bretanha; também migraram em direção sudeste e se estabeleceram no centro-norte da Ásia Menor, dando seu nome ao novo lar, assim como tinham dado à Gália (lat. *Gallia*; gr. Γαλατία).<sup>10</sup>

Os celtas que migraram para o sudeste devastaram a Trácia, a Macedônia e a Tessália e invadiram a própria Grécia, mas não avançaram além de Delfos, de onde foram repelidos em 279 a.C. No ano seguinte (278–277 a.C.), um grande grupo deles cruzou o Helesponto e entrou na Ásia Menor a convite

<sup>9</sup>O primeiro elemento é o celta \**windos*, “branco” (cf. galês: *gwyn*; gaélico: *fiann*).

<sup>10</sup>Lívio (*Hist.* 38.12), Estrabão (*Geog.* 12.5.1) e outros autores dão à Galácia o nome alternativo de *Gallograecia* (ou seja, a terra dos gauleses de língua grega).

de Nicomedes, rei da Bitínia, que pensou que conseguiria usar os serviços dos celtas contra seus inimigos. Durante uma geração, eles ameaçaram seus vizinhos na Ásia Menor, até que uma série de derrotas pelas mãos de Átalo I, rei de Pérgamo (c. 230 a.C.), os confinou a limites restritos, em território que outrora havia pertencido à Frígia. Esse território — uma larga faixa de terra que se estende por 320 quilômetros de sudoeste a nordeste, entre as longitudes 31° e 35° Leste e as latitudes 39° e 40°30' Norte — foi ocupado pelas três tribos que constituíam a força invasora — os tolistóbogos no oeste, com seu centro em Pessino,<sup>11</sup> os trocmos no leste, com seu centro em Távio, e os tectósagos, que ficavam entre o primeiro e o segundo grupos, ao redor de Ancira, que no devido tempo se tornou a capital do reino da Galácia (hoje, sob seu nome moderno Ancara, é a capital da República da Turquia).<sup>12</sup> Cada tribo abrangia quatro tetrarquias. Os gálatas se instalaram como senhores e sujeitaram uma população frígia. Com o passar do tempo, adotaram a religião e a cultura dos frígios, mas não a sua língua. A língua frígia morreu na Galácia, ao passo que sobreviveu por alguns séculos nos territórios frígios vizinhos. A língua gálata também sobreviveu por vários séculos, embora os gálatas inevitavelmente tivessem passado a usar o grego como a língua comercial e diplomática.<sup>13</sup>

Em 190 a.C., um grupo de mercenários da Galácia lutou ao lado do rei selêucida Antíoco III contra os romanos na batalha de Magnésia. A presença deles atraiu represálias romanas contra os gálatas, que no ano seguinte foram subjugados pelo cônsul Mânlio, mas foram autorizados a manter sua independência e ter seus próprios governantes mediante o compromisso de se comportarem bem no futuro.<sup>14</sup>

Desde então, a influência romana prevaleceu na Ásia Menor, exceto no período em que Mitrídates VI, do Ponto, dominou a península (88-65 a.C.). Os gálatas rapidamente reconheceram a prudência em manter boas relações com Roma. Com permissão ou conivência de Roma, eles aumentaram seu território durante o século 2 a.C. Sofreram duramente sob Mitrídates por causa da amizade que tinham com Roma, mas, quando ele foi finalmente derrotado por Pompeu, em 64 a.C., a lealdade deles foi recompensada ao receberem o *status* de reino cliente e, assim, permaneceram por quase quarenta anos. Quando seu último rei, Amintas, foi derrotado em batalha contra os hostis

---

<sup>11</sup>Pessino foi ocupada pelos gálatas somente depois de 205 a.C. Naquele ano, quando os romanos, mediante os bons préstimos do rei de Pérgamo Átalo I, mandaram tomar de Pessino a imagem da Magna Mater, ela ainda era uma cidade frígia (Lívio, *Hist.* 29.11.14).

<sup>12</sup>Políbio, *História* 5.77s., 111; Lívio, *História* 38.16; Estrabão, *Geografia* 12.5.1-4.

<sup>13</sup>Cf. W. M. Calder, *MAMA* (Manchester, 1956), vol. VII, p. xv.

<sup>14</sup>Políbio, *História* 22.16; Lívio, *História* 38.12ss.

homonadas, que, de sua base no norte de Tauro, invadiram a Galácia e outros Estados vizinhos, Augusto reorganizou o reino e o tornou província imperial, governada por um *legatus pro praetore* [“enviado do imperador”] (25 a.C.).<sup>15</sup>

A essa altura, o reino da Galácia havia se expandido consideravelmente além de suas fronteiras originais. Em 36 a.C., por exemplo, Marco Antônio presenteou Amintas com Icônio, uma cidade da Frígia, com parte da Licaônia e da Panfília.<sup>16</sup> Algum tempo depois de assumir o controle do reino de Amintas, Augusto reduziu o tamanho do reino, transferindo a Licaônia Oriental e a Cilícia Traqueia, que o reino gálata havia anexado, para a soberania de seu aliado Arquelau, rei da Capadócia. Ainda assim, a província da Galácia abrangia o território que ficava ao sul e nunca havia sido etnicamente gálata — a Pisídia e a região adjacente que Estrabão chama de “Frígia para o lado da Pisídia”,<sup>17</sup> com a Isáuria e a Licaônia Ocidental. Roma herdou de Amintas a tarefa de esmagar os homonadas, que eram uma ameaça constante à “Frígia para o lado da Pisídia” em particular. Finalmente, foram subjugados por P. Sulpício Quirino, governador da Galácia, nos anos imediatamente posteriores a 12 a.C.<sup>18</sup>

Em 6 a.C., o interior da Paflagônia, ao norte, foi incorporado à província da Galácia, o que também aconteceu, uns três ou quatro anos depois, com algumas áreas ao nordeste e que antes pertenciam ao Ponto. Essas últimas áreas passaram a ser conhecidas como Ponto Galático.<sup>19</sup> Por analogia, inferiu-se, por exemplo, que aquelas partes da Frígia e da Licaônia que foram incluídas na província eram conhecidas respectivamente como Frígia Galática e Licaônia Galática, para distingui-las daquela parte da Frígia que ficava dentro da Ásia proconsular (Frígia Asiana) e da Licaônia Oriental (Licaônia Antioquina),<sup>20</sup> que, de 37 a 40 d.C. e também de 41 d.C. em diante, pertenceram a Antíoco IV, rei de Comagena, aliado de Roma. Esses termos são bastante convenientes,

<sup>15</sup>Dião Cássio, *História* 53.26.3.

<sup>16</sup>Dião Cássio, *História* 49.32. Por volta de 400 a.C., Xenofonte chama Icônio de “a última cidade da Frígia” (*Anab.* 1.2.19). Plínio, o Velho (m. 79 d.C.), diz que ela fazia parte da Licaônia (*Nat.* 2.25), como também o fizeram muitos escritores a partir de Cícero. Mas por volta de 163 d.C., Hierax, que foi réu com Justino Mártir, se apresenta como um escravo “arrancado de Icônio na Frígia” (*Atos de Justino* 3).

<sup>17</sup>Estrabão, *Geografia* 12.8.13: ἡ πρὸς Πισιδίαν [Φρυγία].

<sup>18</sup>Ibid. 12.6.5; cf. R. Syme, “Galatia and Pamphylia under Augustus”, *Klio* 27 (1934), p. 122ss.

<sup>19</sup>Por exemplo, em *CIL* III.6818, Ponto Galático (diferente de Ponto Polemoniano) é especificado em uma lista das regiões sobre as quais o legado da Galácia exercia autoridade.

<sup>20</sup>*CIL* V.8660.